

ABRIL 28

CORREIO
BRAZILIENSE

Brasília, domingo, 30 de julho de 1989

QUEIMADAS

*O Brasil
está em
chamas*



Nordeste está ameaçado de desertificação

As queimadas denunciam a grande concentração de terras, a falta de tecnologia alternativa e a injusta estrutura fundiária. Uma solução para o problema seria a divisão da terra em lotes homogêneos e o uso racional do solo

Ana Carolina Torres

Pelo menos 20 por cento das florestas primitivas do Piauí já foram devastadas pelas queimadas. As áreas mais atingidas ficam no Alto Parnaíba, região sul do estado. O fogo nas matas dessa região dura semanas e chega a desviar rota de aeronaves, além de acelerar o processo de desertificação do Nordeste. Segundo o biólogo Alcides Filho, da Associação de Defesa do Patrimônio da Comunidade, a devastação das florestas piauienses não é combatida. Não existe fiscalização e até agora só um processo de agressão à ecologia foi instaurado, pela Curadoria do Meio Ambiente, contra madeireiros que estavam cortando e contrabandeando madeira de lei.

O presidente da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Piauí (Fetag), Henrique Vilanova, observa que as queimadas denunciavam, antes de tudo, a realidade da grande concentração de terras, a falta de tecnologia alternativa e a injusta estrutura fundiária do Estado. Para Alcides Filho, uma das opções para esse problema seria a divisão da terra em lotes homogêneos. A utilização do solo evitaria os incêndios desordenados das matas e proporcionaria a rotação dos lotes a tal forma que a utilização do último lote coincidiria com o intervalo de brota do primeiro.

No Ceará a realidade é praticamente a mesma. As queimadas de roçados ainda acontecem muito no interior do estado, em função da desinformação do homem do campo quanto aos malefícios que provocam ao solo. As regiões serranas também são atingidas por queimadas e incêndios de origem criminosa. Em 1987, quase oito mil hectares dos 400 mil que integram a Chapada do Araripe, foram destruídos pelo fogo. Este só foi dominado com as chuvas que caíram na região, mais de uma semana depois de luta dos bombeiros. O Ibama dispõe de 50 homens para o trabalho de

fiscalização em todo o estado, considerado insuficiente pelo próprio órgão.

Também no Maranhão as queimadas criminosas já destruíram cerca de 60 mil hectares de florestas virgens inclusive parte da área reservada dos índios Guajá, que estão acuadaos em suas regiões, devido ao fogo que constantemente os tem ameaçado. Os focos de incêndio que têm prejudicado a cobertura verde no estado, se registram principalmente na área onde as florestas são mais densas: a pré-Amazônia. É justamente nessa região que está localizada as grandes indústrias madeireiras e grandes projetos agrícolas.

Com a greve do Ibama, a fiscalização, que já era praticamente nula e precária, incapaz de cobrir todo o território maranhense, ficou ainda pior. Diante disso, aumentaram as freqüências das queimadas inclusive a pesca predatória e a caça inescrupulosa de animais em extinção.

Em Pernambuco, atinge níveis alarmantes a devastação do pouco que resta das matas do estado, colocando-o num lugar de destaque entre os mais devastados do País. Nos últimos dez anos, a predação se intensificou com a derubada de florestas inteiras, sobretudo na Zona do Agreste e Mata Sul, fazendo com que ao contrário do que existia na década de 50, não existam mais grandes segmentos contínuos limitando-se a trechos isolados.

Em todo o estado de Pernambuco, outrora praticamente coberto de florestas, hoje pouco mais de escassas 15 áreas sobrevivem, algumas oficializadas como reservas ecológicas, a exemplo das duas maiores, a de Serra Negra, no Sertão, com 1.100 hectares, e a de Saltinho, em Rio Formosos, na Zona da Mata Sul, com mil hectares.

Desde outubro do ano passado que o Ibama não exerce nenhuma fiscalização nos parques florestais da Bahia, o que está facilitando a ação dos madeireiros, principalmente do Sul e Extremo Sul do estado, onde nos meses de julho e agosto, tradicionalmente ocorrem queimadas na Mata Atlântica e nas reservas da Chapada Diamantina.

A falta de fiscalização decorre do pequeno efetivo que o Instituto tem na Bahia ao todo são 50 fiscais, quando o mínimo necessário para cobrir razoavelmente o estado seria 250. A situação atual é ainda mais crítica, pois há 40 dias os empregados do órgão estão em greve, deixando as reservas sem nenhuma fiscalização.

A área mais atingida por queimadas, é a que compreende a faixa de Itacaré e Mucuri, numa faixa de Mata Atlântica de quase 400 quilômetros de extensão. O comércio de madeira na região é intenso e segundo denúncias que têm chegado à Delegacia do Ibama,

ARQUIVO



A queima da cana após a colheita contribui para a devastação

em Salvador, em quase toda a extensão da mata existem mais de 100 queimadas.

Em Sergipe a situação é ainda mais crítica. Como a maioria das matas do estado já foi queimada, este não é um problema que aflige substancialmente os ecologistas. O menor estado da Federação, com 21.994 quilômetros quadrados, tem apenas um por cento de cobertura vegetal nativa, e desse um por cento, 90 por cento é mangue, portanto sobra muito pouco de matas. Porém, a grande reserva ecológica, que conta ainda com vegetação como a Mata Ciliar, Restinga, Cerrado, um pouco da Mata Atlântica e Campo Rupestre, é a Serra de Itabaiana, justamente onde ainda se faz queimadas.

A Serra de Itabaiana, situada a 70 quilômetros de Aracaju, tem 4.400 hectares e 70 por cento desta área é constituída de grandes propriedades que são as provocadoras das queimadas, juntamente com os pequenos proprietários que circulam a serra. Segundo a chefe da Divisão de Proteção da Fauna e Flora da Adema-Administração Estadual do Meio Ambiente — Marly Menezes, no ano passado houve uma queimada que durou cerca de 20 dias para apagar o fogo, e grande parte da vegetação nativa foi destruída. Como não existe ainda um mapeamento com escala precisa da serra, Marly Menezes estima que cerca de quatro quilômetros da serra já estejam totalmente comprometidos devido às queimadas.

O Programa Nacional do Alcool (Proálcool) deu o golpe de misericórdia no que restava de Mata Atlântica em Alagoas, sobretudo há uns 10 anos, com a destruição da Mata de São Miguel dos Campos, considerada por Anivaldo Miranda, presidente do Movimento pela Vida, a maior reserva florestal que existia no Nordeste, um patrimônio incalculável.

A cana-de-açúcar e a pecuária são responsáveis pela de-

vastação de 99 por cento das matas virgens no estado. As únicas reservas que ainda restam são a de Pedra Talhada e a de Murici, que o Ibama com o apoio do Movimento Ambiental Estadual, quer transformar em Parque Nacional. A queima da cana-de-açúcar é visto por Anivaldo como mais um processo criminoso.

O que resta da cobertura nativa da Mata Atlântica no estado da Paraíba é apenas uma área de cinco por cento da floresta original, isto sem contar com os desmatamentos que acontecem nas regiões do Sertão e do Curimataú, que se encontram mais no interior e que não pertencem à chamada Mata Atlântica. Tanto no Hinterland como na pequena faixa que ainda está de pé na área da Mata Atlântica, ocorrem queimadas freqüentes.

Na Paraíba, a Emater, tem desempenhado um trabalho importante no sentido de ensinar técnicas de manejo do solo que não comprometam o meio ambiente, fazendo com que o pequeno agricultor seja orientado no sentido de preservar a sua própria terra.

No estado, praticamente não existem as queimadas espontâneas, a não ser, de certa forma, por parte dos caçadores que fazem coivaras no sentido de desentocar caças, o que resulta em muitos casos numa autêntica queimada. Tais coivaras são localizadas, mas, vez por outra, não é possível controlar o fogo que queima enquanto houver combustível; isto é, mata.

As queimadas, produzidas em abundância no resto do País, não são no Rio Grande do Norte, o maior problema a ser enfrentado pelos defensores do meio ambiente. De acordo com o ecologista Nestor dos Santos Lima, o estado está sofrendo um processo de desertificação não por queimadas, mas pela utilização da vegetação para usos industriais. Ainda segundo o ecologista, o maior inimigo da massa orgânica é o próprio Governo do Estado.

■ *Apecuária e a cana-de-açúcar já causaram a devastação de 99 por cento das matas virgens de Alagoas, onde só restam as reservas de Pedra Talhada e de Murici*

Vamos ver, de novo, o país pegar fogo

Mais uma vez tem início o período das queimadas. Milhares de hectares estão condenados. Vão se transformar em cinzas. Preciosas reservas ecológicas terão dilapidado seu patrimônio natural pelo fogo. Vamos ver o triste espetáculo com os braços cruzados.

Roelof Sá
 Editor de Nacional

Um conjunto de fatores propicia todos os anos a devastação, pelo fogo, de milhares de hectares de matas brasileiras. Em todo o país, no período compreendido entre julho e outubro, por ignorância, necessidade, acidente ou ganância, surgem os focos de incêndio que ameaçam a flora e a fauna silvestres, destroem imensas áreas de parques e reservas naturais. Mais que isso, ampliam a níveis perigosos a quantidade de gás carbônico na atmosfera, contribuindo para a propagação do "efeito estufa".

É antiga a prática herdada pelo pequeno agricultor de atear fogo aos restos de um roçado, com o objetivo de, utilizando-se das cinzas, "adubar" a terra a ser preparada para o plantio. É exatamente desta prática — criminosa — que decorrem os maiores perigos para as matas nativas (depois das motosserras, é claro). A ignorância do lavrador, por falta de acesso a técnicas mais modernas, é fator preponderante da epidemia de queimadas que assola o país. Ao lado do desmatamento, constitui no mais sério risco de destruição das matas.

O desmatamento — por necessidade ou ganância — amplia os riscos. Ao ser desmatada uma área para o cultivo, a madeira remanescente, que não tenha sido vendida é ateadado fogo, como forma de limpar o campo e produzir o "adubo" de cinzas — uma prática que, em verdade, apenas faz destruir os nutrientes das camadas superiores de solo onde se processa a queimada. O fogo, como a água, não tem cabelos. Flui ao sabor dos ventos. Encontrando condições propícias, queima até a total extinção do material combustível — árvores, plantas, aves e animais.

Neste país de duas estações bem definidas — a das chuvas e a das secas — a prática das queimadas coincide, principalmente, com a estação seca. Azar da floresta. Independentemente do ponto do território nacional, o fogo começa a sur-

gir em pequenos focos que o lavrador, sem levar em consideração a força dos ventos, acende.

Olhos eletrônicos situados a 36 quilômetros de altitude fotografam o surgimento de milhares de pontos quentes no território brasileiro. São roças, fazendas, matas, parques — todos ardendo. Impotentes, os satélites observam a destruição do patrimônio natural do país. O alerta eletrônico não tem condições de impedir a devastação.

Há em alguns grupos mais esclarecidos, com consciência do perigo, do risco representado pelo fogo. A grande maioria da população brasileira, porém, entende apenas a distância o problema: por esta nos grandes centros — e não se sentir diretamente ligada à questão; ou por se encontrar na roça, na necessidade que tem de produzir em suas terras, a qualquer custo, para garantir a sobrevivência — sua e de seus familiares. Consciência não se pode plantar.

Exatamente por isso o fogo continua a arder. E lança a fumaça densa que transtorna o ar e transforma a vida em morte. Nesta época, a névoa seca é constante nos céus. Principalmente do Centro-Oeste. Adensada, esfumacada, vista de alguns milhares de metros de altitude, a atmosfera mostra um tapete semi-opaco, que impede a visibilidade, prejudica pilotos de pequenas aeronaves, atrapalha o reconhecimento de pontos de referência em terra e transmuta o prazer de voar em risco de vida.

A qualidade de vida das populações de cidades instaladas no círculo de fogo que produz a névoa seca decai consideravelmente neste período. São comuns as doenças das vias respiratórias e dos olhos, que afetam indistintamente, crianças e adultos, homens e mulheres. O crescimento destas afecções é diretamente proporcional à quantidade de fumaça que se espalha no ar. Pela manhã, os primeiros raios de sol encontram cidades surreais, descoloridas pela atmosfera turva.

O país das queimadas, porém, é o país real. Real na medida da falta de assistência ao pequeno agricultor. Mais real na ausência de uma fiscalização efetiva. Realíssimo na impunidade dos culpados pela bruma que se adensa a partir da floresta desmatada. É o retrato de um Brasil onde o órgão público que deveria impedir, esclarecer, punir os responsáveis pelos crimes ecológicos está, simplesmente, em greve. Em greve até porque não tem condições de trabalhar. É um órgão de papel — que talvez por isso evite o contato com o fogo das queimadas.

Mas, é também, um país de discussões de alto nível sobre a questão. Discussões e debates e seminários que, simplesmente, não chegam a lugar al-



gum. Ou se reencontram em ancestrais pontos comuns. Leis e teorias, existem em quantidades industriais. O país precisa acordar para a realidade. Precisa ver e fazer ver que o tratamento hoje dispensado ao seu meio ambiente ainda se encontra muito longe das efetivas necessidades. Precisa tomar consciência de que o fogo ainda vai continuar a arder por muito tempo — porque não se mudam hábitos e costumes seculares do homem do campo da noite para o dia. E, por isso mesmo, precisa investir na prevenção e no combate ao fogo, ao tempo em que busca na educação, na assistência e no apoio ao camponês mudar esta situação.

Na verdade, o Brasil precisa de outro tipo de fogo; de um fogo cívico, do calor da dignidade e da sensatez. O País precisa ser chamuscado pela confiança e pela crença de um fogo que não queima, mas aquece o futuro de uma nação. Este calor, que a todos nós faz falta, faz falta também à selva que se transforma em cinzas, hectares após hectare.

■ **A maior parte da população não entende o problema das queimadas. Quem usa a terra queima por uma necessidade de sobrevivência. E não se pode plantar consciência**

Noaa-11 e 12 já estão atentos a focos nas matas

Mayrluce Villela

Mês de julho já é considerada época das queimadas. Muitos incêndios já estão sendo detectados, mas ainda não se sabe a real extensão do que já foi destruído esse ano pelo fogo. O Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, Inpe, com informações de satélites, envia mensagens de focos de calor ao Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis, Ibama que está em greve há mais de um mês e não tem registrado a área queimada.

O serviço prestado pelo Inpe é de alertar o Ibama sobre focos de calor que podem ser consequência de algum incêndio, sem entretanto determinar o espaço de atuação. Essas informações vêm sendo prestadas desde 1987, quando a competência pelo controle das queimadas era do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal — o extinto IBDF.

A detecção dos focos de calor é feita por dois satélites americanos, "Tiros Noaa-11" e "Tiros Noaa-12". Cada satélite faz duas voltas por dia pelo planeta com diferença de doze horas. Os dois juntos permitem uma cobertura total da Terra a cada seis horas.

Toda vez que um desses satélites passa por cima do Brasil, o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais registra os dados e os reúne numa única mensagem depois de ter sido coberta toda a área do país. Os dados são passados no mesmo dia para o Ibama a quem cabe o controle das queimadas.

Os satélites Noaa 11 e 12 vêm sendo usados há pelo menos cinco anos, mas só a partir de 1987 é que as informações recebidas no Inpe passaram a ser enviadas ao extinto IBDF. Antes, os técnicos do Inpe faziam apenas controles para efeito de pesquisas.

O responsável por essas medições, Eugênio Neiva, Chefe do Centro de Aplicação de Satélites Ambientais do Inpe, explica que os satélites detectam qualquer foco de calor a partir de 70 graus Celsius. Informa ainda que essas medições são realizadas apenas no período das queimadas que vai de julho até final de outubro e início de novembro. Após esse período torna-se desnecessário, pois as ocorrências de incêndios são esporádicas.

Eugênio Neiva explica ainda que o Instituto não tem pronta uma estimativa de quantos focos de calor já foram detectados este ano. O relatório deve ficar pronto no meio dessa semana, mas Neiva alerta que os números não são relativos a incêndios, mas sim a possíveis focos.

Apesar de estar recebendo esses dados do Inpe, diariamente, o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis não sabe exatamente qual a extensão do país destruída pelo fogo.

O "festival incendiário" já começou

Com a chegada da seca, as queimadas atingem o seu ponto alto em várias regiões. O período crítico, previsto para agosto, levou as autoridades a intensificarem os planos de ação contra essa agressão à natureza. No entanto, o combate ao fogo está prejudicado pela greve do Ibama que já dura mais de 40 dias.

Maiza Valério

A abertura do "festival incendiário" no Pará é anunciada pelos rolos de fumaças no sul do estado, segundo alerta do presidente da Sociedade Paraense de Preservação dos Recursos Naturais, Camilo Vianna, que também é membro do Conselho Estadual de Saúde, Saneamento e Meio Ambiente-Consama. E denuncia mais: um relatório do Centro de Sensoriamento Remoto da Amazônia, da Sudam, afirmando que apenas seis por cento do território paraense foi devastado nos últimos três séculos, foi "guaribado", isto é: o relatório, feito na administração do superintendente Henry Kayath no final de 86, mente sobre o total da área devastada e queimada, "por ordens superiores".

Em recentes debates sobre ecologia, ficou constatado que nos três últimos anos, o processo de agressão à natureza foi tão acentuado que aeroportos como os dos municípios de Conceição do Araguaia, Marabá, Santarém e Tucuruí chegaram a ser

fechados diversas vezes para pouso e decolagem, por excesso de fumaça nas suas respectivas áreas, resultantes da queima de pastagens ressecadas pela inclemência do sol e uma outra parte, bem significativa, produto de fogo ateado às matas derrubadas irracionalmente para implantação de projetos.

Para fazer a fiscalização em todo o estado, o Ibama tem apenas 34 fiscais, para atuar numa área de 190 mil quilômetros quadrados, correspondente a 1.248.042 hectares. Esses fiscais, diz Camilo Vianna — ganham salário vagabundo, não possuem equipamento adequado para realizarem um grande trabalho e estão ao alcance total e absoluto da corrupção. Com a greve dos funcionários do Ibama, adormecem praticamente 400 projetos de desmatamentos e queimadas.

A paralisação dos funcionários do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente, responsável pela fiscalização da preservação das matas, pode ocasionar um aumento no número de queimadas também no Acre, onde em 1987 os índices foram alarmantes, minimizando no ano passado. Para este ano há um plano emergencial do Ibama para controlar esta atividade, mas que poderá não ocorrer se continuar a paralisação no órgão. Enquanto isso, o movimento de seringueiros tentará, através dos "empates", impedir a destruição da floresta acreana.

A Delegacia Regional do Instituto de Meio Ambiente não tem dados sobre o total de hectares queimados nos últimos dez anos. Contudo, a área desmatada é de 813.257 hectares, o que corresponde a 5,33 por cento da área florestal do estado, segundo o Programa de Monitoramento da Cobertura Florestal do Brasil, baseado num relatório editado no ano passado, que possui as imagens de satélite feitas em 87. Rio Branco tem, pelos dados de 87, 261.830 hectares, ficando Xapuri com 116.696 hectares, o que corresponde a quase 45 por cento do total devastado.

Para que as queimadas diminuam no Estado, a delegacia do Ibama e o

Instituto de Meio Ambiente do Acre, órgão do governo do Estado, estão fazendo obedecer algumas regras rígidas, que tornam o processo mais difícil. "Estamos aumentando no máximo as exigências para autorizar um deamte", revela o delegado regional do Ibama no Acre, Paulo Benincá de Salles. Uma destas exigências é a apresentação do Estudo de Impacto Ambiental, o IEA e o Relatório de Impacto do Meio Ambiente, O RIMA, que mostra o que está sendo desmatado, a área total, as necessidades e o que existe na região.

Caso a greve do Ibama termine, em pouco tempo será deslançado o plano emergencial para controlar o desmatamento ilegal e as queimadas, que podem ocasionar índices alarmantes este ano. Outra alternativa será a utilização dos recursos do Programa de Proteção ao Meio Ambiente e às Comunidades Indígenas PMACI — Que será desenvolvido na região do Acre, permitindo reestruturar e dinamizar a fiscalização.

O ano de 87, apesar da delegacia do Ibama não ter registros, foi o ano em que as queimadas surpreenderam e causaram o interesse de dentro e fora do País. Os aeroportos do estado do Acre mal recebiam aviões no mês de agosto, quando houve o maior "pique" de queimadas. O ar era poluído e o cheiro de fumaça virava rotina tanto na cidade quanto no campo. Em 88, graças ao alarme do ano anterior, a situação foi menos grave e a fiscalização foi acentuada. Ela seria dobrada este ano, o que poderá não acontecer caso continue a greve do Ibama.

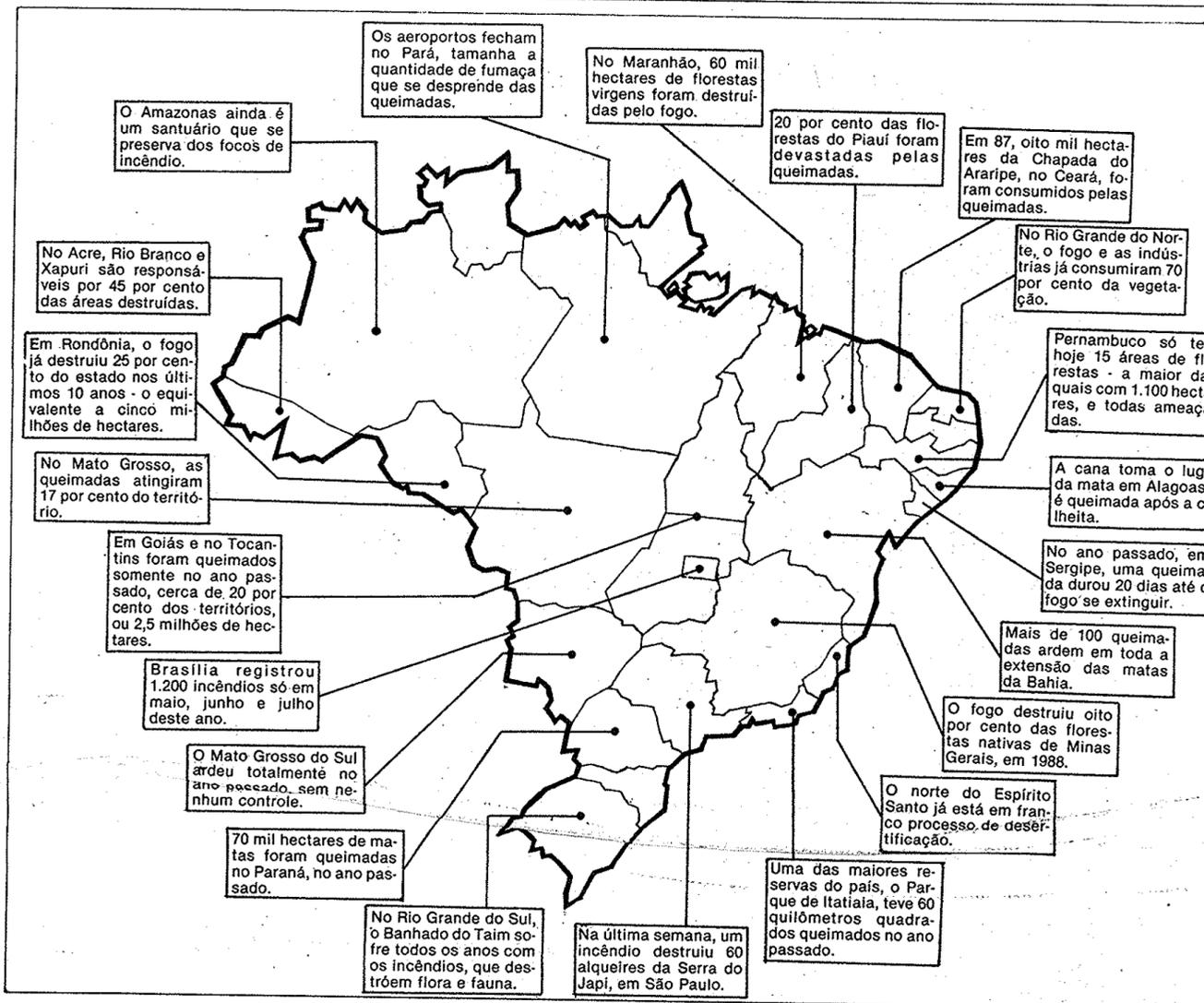
Sem a prática de uma agricultura extensiva, porque não existem grandes projetos agropecuários e agroindustriais, o estado do Amazonas não convive ainda com o temor das queimadas, e mesmo com a derrubada da mata para o preparo do solo para os plantios. A agricultura que é praticada no Amazonas é ainda incipiente, na maioria de subsistência, realizada principalmente nas terras de várzeas, onde a consistência da floresta não requer grandes derrubadas.

O caboclo do Amazonas faz os seus roçados em pequenas áreas, próximas do Rio e muito distante da floresta fechada, densa, que, derrubada, exigiria então a queimada. Como a terra de várzea não tem grandes árvores, apenas um tipo de capoeira, é mais fácil para o pequeno agricultor plantar sem ter que necessariamente fazer fogo para destruir a mata que foi derrubada. Esse é o conceito dos pesquisadores e técnicos agrícolas do estado quanto à questão das queimadas na Amazônia.

No Amazonas existe apenas uma área onde se pratica a derrubada e queimadas. É no distrito agropecuário da Zona Franca de Manaus, uma área de 680 mil hectares de terra, a 50 quilômetros de Manaus. No distrito agropecuário o forte da atividade é a pecuária de corte e o plantio de cultivos de ciclo longo como guaraná, seringueira e cacau, mas segundo técnicos da Suframa, pouco mais de 100 mil hectares foram derrubados e, conseqüentemente queimados nos 12 anos de existência do projeto. As queimadas no distrito obedecem a um cronograma técnico e a um estudo sobre os problemas no meio ambiente que possam ser causados pelo fogo. Não se quima apenas por queimar.

Contra os desmatamentos e queimadas no Estado de Rondônia, nada pode ser feito. O Instituto Estadual de Florestas não tem recursos e o Ibama está paralisado há mais de 40 dias, numa greve nacional por melhores salários. Os oito milhões de cruzados novos que deveriam ter sido aprovados pelo Congresso no mês de abril para o combate às queimadas, só foram aprovados no mês de julho e os recursos ainda não apare-

■ Além da greve do Ibama, em muitos estados o combate às queimadas está prejudicado pela falta de recursos. Mas o órgão diz que está tentando conscientizar os produtores



CPI vê alarde em denúncias contra Amazônia

José Roberto Lima

O que resta da Amazônia são "apenas" 93 por cento de florestas, que equivalem a uma área ainda não totalmente mensurada, mas que pode chegar a 500 milhões de hectares, segundo estima o IBGE. A Comissão Parlamentar de Inquérito do Senado, criada para investigar a devastação na região amazônica, trabalhou durante meses neste primeiro período legislativo, para concluir que sete por cento da floresta amazônica haviam sido abatidos e queimados pelo homem. Mas isso desde o descobrimento do Brasil.

Por que, então, de repente volta à tona essa falácia da Amazônia como o "pulmão do mundo", se a floresta densa continua lá, praticamente intacta e soberana, pois que fogo nenhum seria capaz de queimar suas úmidas entranhas? A "destruição" da Amazônia é consumida hoje em milhares de páginas de jornais, por milhões de leitores que acreditam no fim do mundo com o fim da floresta.

Mas as conclusões a que chegam os membros da CPI da Amazônia demonstram que não é bem assim. Para começar, a idéia de "pulmão do mundo" é um grande equívoco, segundo o relator da Comissão, senador Jarbas Passarinho, e vai ser difícil desmitificar essa versão por falta de informação da própria imprensa que difundiu essa edêia.

Assunto que ganhou muito destaque nos meios de comunicação, o efeito estufa colocou na ordem de prioridade máxima a questão amazônica, a partir da cortina de fumaça que cobriu o País nos dois últimos anos. As queimadas na Amazônia despertaram a consciência do mundo, quando os satélites passaram a detectar o fogo em milhares de pontos do mapa da região. Mas os especialistas sabem que satélite como o Landsat ou o Noaa podem detectar focos de incêndio de até 15 metros de extensão. E, como diz o presidente do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), Fernando César Mesquita, a Amazônia não é uma só, tem várias "amazônias". Claro está que todo esse incêndio que "queimou a Amazônia" nos dois últimos anos não atingiu apenas a floresta que, aliás, só queima pela mão do homem que a devasta para criar pastagens.

■ O excesso de fumaça, resultante da queima de pastagens, já provocou o fechamento, várias vezes, dos aeroportos de Marabá, Santarém e Tucuruí

O Ibama em conjunto com o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) levantou que em 1988, para todos os tipos de vegetação amazônica, foram queimados 121 mil quilômetros quadrados, ou seja, 2 por cento da área de 4,6 milhões de quilômetros quadrados localizada na Amazônia Legal, abaixo da linha do Equador. Do total de áreas queimadas verificou-se que 40 por cento correspondiam a desmatamentos recentes, chegando a ser detectados em um só dia até 8 mil 500 incêndios florestais.

É possível dissipar a nuvem de fumaça que todo ano paira sobre a Amazônia, sufocando o "pulmão do mundo". O presidente do Ibama acredita que a paisagem amazônica pode retomar seu matiz a partir das ações governamentais propostas no programa Nossa Natureza.

Mas quase caiu o Plano Emergencial de Prevenção e Combate a Incêndios Florestais na Amazônia. Pronto desde março, este plano correu o risco de ser engavetado e só agora pode ser efetivado porque durante todo esse período ficou à espera da liberação de verbas que dependiam da aprovação do Congresso Nacional e, depois, da burocracia dos gabinetes ministeriais.

ceram. Com isso, nem os telex que chegam do Instituto de Pesquisas Espaciais — Inpe, que dão as coordenadas das queimadas, estão sendo analisados.

Esta declaração feita pelo superintendente do Ibama, Luiz Alberto Catanhede, torna-se ainda mais alarmante quando ele afirma: "apesar da situação ser grave, não temos sequer a dimensão do problema". O certo é que enquanto os órgãos ligados ao meio ambiente se dizem incompetentes para combater o fogo, 1/4 do estado, ou seja, mais de cinco milhões de hectares já foram queimados nestes últimos dez anos, empobrecendo o solo e tornando a terra inapta para a agricultura, além de estar provocando assoreamento dos rios, alteração da temperatura e levando para o s centros urbanos problemas indesejáveis como a ardência nos olhos e fechamento do Aeroporto Belmont.

No último dia 20 um incêndio destruiu perto de um quilômetro quadrado do Parque Nacional da Chapada dos Guimarães e serviu como um grande alerta para as autoridades estaduais e federais colocar em prática os planos de ação contra as queimadas em Mato Grosso. De ano para ano, as queimadas aumentam no estado e atingem seu pice neste período de seca em várias regiões e que se estendem até os meses de setembro e outubro.

Dados divulgados no ano passado registram que as queimadas atingiram em 1987, 8,3 por cento do território mato-grossense. Em 1988, esse percentual teria passado para 17 por cento.

Nos anos anteriores praticamente nada se fez em Mato Grosso para conter as queimadas. Agora, em 1989, existem dois planos já anunciados: um do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis — Ibama, que tem um projeto emergencial contra as queimadas para a Amazônia legal e que contempla Mato Grosso, e outro da Secretaria do Meio Ambiente do estado que complementa o do Ibama com atividades junto a produtores e comunidade.

O secretário do Meio Ambiente, Sérgio Guimarães, disse que vai usar a estrutura do estado como por exemplo as unidades de extensão rural da Emater-Empresa Mato-grossense de Assistência Técnica e Extensão Rural —, para o trabalho de conscientização dos produtores.

No Mato Grosso do Sul, as queimadas não começaram com intensidade, ainda, mas o período de seca iniciou já apontando um índice de inflamabilidade perigoso, principalmente nas regiões de Três Lagoas, Corumbá e Campo Grande. A preocupação das autoridades é evitar a tragédia do ano passado, quando o estado ficou totalmente em chamas por muito tempo e sem controle.

Uma campanha de conscientização junto aos produtores rurais do estado está sendo patrocinada pela Secretaria Estadual de Meio Ambiente numa ação conjunta com os sindicatos rurais, Ibama e Empaer. O agente de Meteorologia do Ministério da Agricultura, Amilton Bueno, informou que a umidade relativa do ar está caindo em Mato Grosso do Sul. Não chega a ser assustadora, no

entanto, a situação pode complicar, advertiu, se as queimadas começarem com intensidade.

Quanto aos estados de Goiás e Tocantins queimaram, somente no ano passado cerca de 20 por cento de seus territórios, ou seja, aproximadamente 25 milhões de hectares de matas e pastagens. A informação é do engenheiro agrônomo Cassimiro Vaz da Costa, coordenador de Manejo e Conservação do Solo da Emater-Goiás. Segundo ele, não existe uma estatística real da área que já sofreu os efeitos de queimadas feitas pelos próprios proprietários de terras para ampliação da fronteira agrícola, ou para renovação de pastagens, ou de origem criminosa.

Cassimiro Vaz indicou, no entanto, que a situação já foi muito pior. Revelou que por volta de 1983 o fogo queimava cerca de 60 por cento da área agrícola, todos os anos. A partir de 1984, quando a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural iniciou um programa extensivo de conscientização do proprietário e trabalhador rural quanto aos efeitos danosos das queimadas, o processo começou a sofrer reversão. Apesar disso, segundo ele, no ano seguinte, em 1985, cerca de 40 por cento da área foi queimada.

Mesmo que as queimadas estejam diminuindo, graças à agregação do trator tanto nas grandes como nas pequenas e médias propriedades rurais, Cassimiro Vaz da Costa acredita que ainda em 1989 outros 20 por cento do território goiano, hoje diminuído pela divisão do Estado do Tocantins, sofrerão os efeitos das queimadas.



O fogo, muitas vezes ateado irracionalmente às matas, tem mobilizado os ecologistas

Pôr fogo no solo é tradição de difícil combate

Alguns técnicos chegam a achar que é impossível reverter o costume secular de atear fogo para a troca de pastos ou de culturas. Embora exaustivamente divulgados, os efeitos parecem não convencer os incendiários e a situação já é muito preocupante

Os agricultores ainda conservam a antiga tradição de queimar as matas nativas para preparar o campo para a lavoura. Este é, segundo os técnicos da Fatma (Fundação de Amparo à Tecnologia) o principal motivo da grande quantidade de queimadas em território catarinense. Para impedir a realização de queimadas a Fatma e o Ibama mantêm desde 1987 um convênio, que consiste em divulgar os efeitos negativos da queima das florestas.

“É uma tradição enraizada que se torna difícil de ser impedida”, diz o superintendente da Fatma, José Vieira. Uma das áreas mais atingidas pelas queimadas é a Serra do Tabuleiro, que está sendo queimada indiscriminadamente para a preparação de novas áreas cultiváveis.

O problema é semelhante no Paraná. Em 1988, segundo o ITCF (Instituto de Terras, Cartografia e Florestas do Paraná), 70 mil hectares de matas queimaram em todo o estado. E a situação este ano já é de extrema preocupação. Nos primeiros vinte dias de julho, o Corpo de Bombeiros já atendeu 119 chamadas para combater incêndios florestais. De janeiro a junho, o número de ocorrências, em Curitiba e região metropolitana, foi de 85. As chamadas, em média de duas por dia em períodos normais, neste mês já atingiu a marca de 40 ao dia. O Corpo de Bombeiros, de Curitiba, luta também contra outro problema forte inimigo das matas: os baloeiros, que todas as noites insistem em soltar belos, mas incendiários, balões.

O comandante do Corpo de Bombeiros do Paraná, coronel Arcanjo Capriotti, afirma que em 1988 ocorreram nada menos que 3.806 incêndios florestais. O aspirante da corporação, Enéas Almeida Eidan, de 26 anos, casado, dois filhos, morreu no dia 11 de setembro do ano passado, em função das graves queimaduras que sofreu ao tentar combater um incêndio florestal no mu-

nicipio de Rio Branco do Sul, região metropolitana de Curitiba. Os incêndios florestais em 88 foram tantos que o ITCF literalmente perdeu a conta. Mesmo assim, resgatou os trágicos números que apontam para um total de 70 mil hectares queimados.

Para os gaúchos as queimadas não chegam a ser um problema tão grande como para outros brasileiros. No Rio Grande do Sul, normalmente são empregadas as mais modernas técnicas de cultivo e preparação do solo. Além disso a maior parte das terras cultiváveis do estado já vêm sendo exploradas há alguns anos, não existindo grandes fronteiras agrícolas a serem abertas.

Mas isso não quer dizer que o problema não exista. Pelo contrário, muitos agricultores ainda continuam recorrendo às queimadas como maneira de limpar o solo para o próximo plantio. Os incêndios muitas vezes saem do controle, cobrindo em risco áreas verdes de grande importância. Um exemplo é a reserva ecológica do Banhado do Taim, cuja área é constantemente castigada pelo fogo que se alastra das queimadas produzidas por fazendeiros vizinhos.

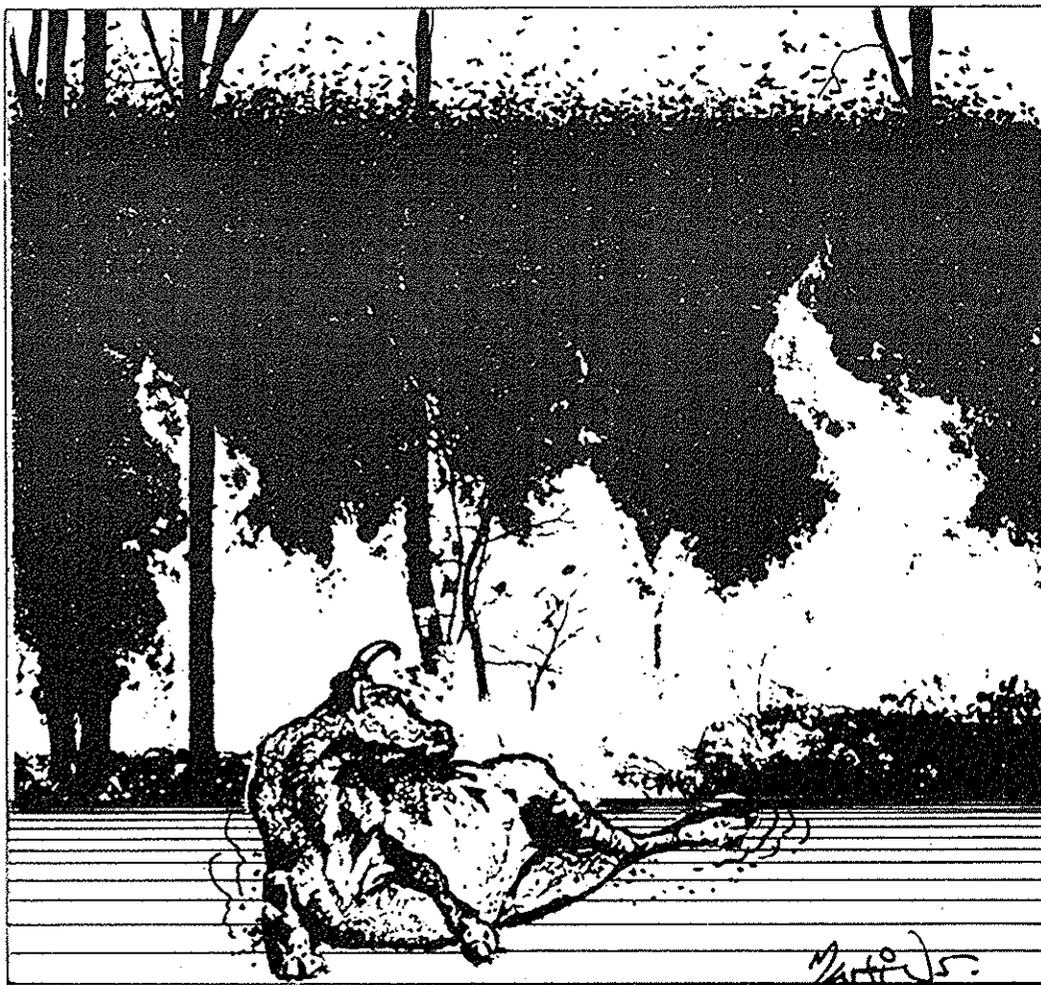
Já em Minas, a greve dos funcionários que atinge o Ibama está dificultando a ação de defesa e principalmente a preventiva dos órgãos estaduais, municipais e federais que lutam anualmente contra as queimadas na época da seca de tado.

Anualmente, pelo menos um terço das terras agricultáveis de Minas são atingidas pelas queimadas para troca de pastos ou mudança de cultura, num costume arraigado de tal forma que nem as campanhas e muito menos a fiscalização são capazes de controlar.

O Ibama em Minas tem a promessa de liberação de verbas para a fiscalização nas áreas de maior risco e para a proteção dos parques federais e estaduais, mas até agora os recursos para contratação de pessoal especializado, de carros e pagamento de diárias, transporte e alimentação de pessoal, de reforço dos bombeiros e Polícia Florestal, estão paralisados.

Com o apoio de órgãos federais e municipais de proteção ambiental, o Instituto Estadual de Florestas vai lançar em Minas o slogan “Não queime a vida”, com o objetivo de tentar conter as queimadas. Segundo levantamento da Polícia Florestal e do IEF, no ano passado Minas perdeu oito por cento de suas poucas florestas nativas. A intenção este ano é reduzir pela metade os danos, já que os técnicos consideram quase impossível reverter um quadro de costume secular de uso do fogo para recuperar pastagens e limpar plantações.

Foi por causa desse costume que, em setembro de 88, uma das maiores áreas de preser-



vação ecológica do País, o Parque Nacional de Itatiaia, entre o Rio de Janeiro e Minas Gerais, teve 60 dos seus 300 quilômetros quadrados ricos em fauna e flora consumidos pelo fogo. Durante quatro dias bombeiros, Defesa Civil e técnicos florestais tentaram em vão vencer a fúria das tabareadas de mais de 10 metros de altura que se alastravam cada vez mais. A destruição só foi contida quando uma chuva providencial caiu sobre a região da Serra da Mantiqueira, que abriga o Itatiaia.

O incêndio no Parque do Itatiaia, um dos maiores ocorridos nos últimos anos em área de reserva ambiental no estado do Rio sob proteção federal, teve como ponto de partida uma queimada, iniciada numa fazenda em Minas Gerais que faz divisa com a reserva.

O Governo Federal considera crime inafiançável queimar e caçar em áreas de preservação ecológica, podendo o infrator pegar de dois a seis anos de cadeia. Mas o difícil da aplicação da lei é flagrar o criminoso, já que os órgãos responsáveis nos estados por cuidar dessas reservas contam com poucos fiscais e recursos materiais escassos.

No último domingo, um balão caiu sobre a Floresta do Grajaú causando incêndio de uma grande área coberta por capim colônio. O fogo chegou a ameaçar algumas residências próximas à reserva e, até a chegada de bombeiros, os próprios moradores tentaram apagar as chamas, utilizando água das piscinas. O fogo apenas foi controlado na madrugada de segunda-feira.

No Estado de São Paulo, o levantamento do número de incêndios em matas é uma tarefa difícil, senão impossível. Não há uma central que registre o número de incêndios e as áreas atingidas, para que se possa apresentar as estatísticas. No primeiro Grupamento de Incêndio, central do Corpo de Bombeiros na capital paulista, há apenas dados superficiais de ocorrências em matas e florestas. Em 1985 foram

1.508 incêndios em matas, em 86 as ocorrências foram 363, em 87 outros 423 incêndios.

Uma relação fornecida pela Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo aponta apenas 971 hectares de áreas queimadas em 1988. Mas esse número está muito aquém da realidade, porque a Secretaria se reporta apenas aos incêndios registrados nas 21 estações experimentais ou parques estaduais. O presidente da União dos Defensores da Terra, deputado federal Fábio Feldmann (PSDB-SP), disse que a entidade prepara estudos para saber os tipos de queimadas e que medidas podem ser adotadas no estado.

São Paulo mantém um plantão permanente, nos meses de julho a outubro, para detectar incêndios em matas e florestas. Trata-se da Operação Mata-fogo, responsável por um feito inédito, na semana passada: um incêndio nos 80 alqueires da Serra do Japi, região de Jundiá, a 60 quilômetros da capital, foi debelado em menos de 36 horas de trabalho.

Já no Espírito Santo, em decorrência do crescente desmatamento registrado a região norte capixaba apresenta um processo de desertificação que se agrava com a falta de chuva. O desmatamento é muitas vezes consequência das queimadas implementadas em propriedades que abrangem as reservas florestais localizadas em áreas da Mata Atlântica.

O novo superintendente regional do Ibama, Miguel Delamerlina, disse estar disposto a acionar a força para coibir os desmatamentos no estado.

Delamerlina anunciou também que procurará fazer um trabalho integrado com o Instituto de Terras, Cartografias e Florestas (ITCF) e a Polícia Federal, “a fim de melhorar a fiscalização em todo território capixaba das reservas ecológicas”. Isto porque as sucessivas atuações daqueles que provocam desmatamentos não têm sido suficientes para impedir os desmatamentos que atingem diversos pontos no estado.

■ *O Governo considera crime inafiançável queimar áreas de preservação ecológica, mas o difícil da aplicação da lei é flagrar o criminoso, pois faltam recursos*

Americano teme a devastação ecológica

Também nos Estados Unidos existe a consciência de que o sistema usado no Brasil para a distribuição de terras é perverso. O grande número de pessoas que migra para novas fronteiras de colonização põe em risco os ecossistemas com as queimadas.

Cláudio Lessa
De Washington

Com certeza, a "destruição de metade do capital biológico da Terra no espaço de uma única geração seria a proeza mais impressionante já alcançada pelo ser humano", se o atual ritmo de destruição continuar. Este é apenas um dos alarmes que foram disparados em Washington, onde diversas organizações que se dedicam à proteção do meio ambiente — não necessariamente o meio ambiente dos EUA, apenas — buscam a conscientização de todos para a fragilidade do planeta, no limiar do século XXI.

"Se é o caso a Amazônia sobreviver, ela vai precisar das pessoas que dependem dela para se imporem na defesa da região, como foi o caso de Chico Mendes e é o caso de Mary Helena Alegre diz Dave Griswold, da Ashoka. "Aqueles que podem assumir esta tarefa difícil e perigosa são aqueles que precisam de maior apoio, e é isto que a Ashoka espera poder oferecer".

Ashoka é o nome de um imperador indiano, que viveu no século III antes de Cristo. Ele é conhecido pela propagação do budismo, mas também foi o primeiro "inovador público" do mundo, estabelecendo refúgios para espécies animais, entre outras coisas. O programa começou na Índia e se espalhou pelo resto do mundo, pouco a pouco.

Griswold acredita que "existe um certo grau de verdade quando se fala que parte do ciclo da floresta depende do fogo, e no caso de Yellowstone, se eles foram provocados naturalmente, acho que é uma inevitabilidade da natureza". Carlos E. Quintela, na "Nature Conservancy", explica que, no caso de certas espécies de pinheiros, na América do Norte, o fogo é parte do sistema, pois ajuda a derreter a cera que envolve as novas sementes que, por sua vez, darão início ao processo de renovação natural da floresta de pinheiros. "Isto não se aplica, de maneira alguma, às florestas tropicais", ressalva Quintela: "O ecossistema da Amazônia não é

um ecossistema de fogo". A Ashoka entende que os maiores danos à camada de ozônio são de responsabilidade dos países industrializados, mas que "cada país tem que prestar atenção ao que acontece dentro de seu território". Segundo Griswold, a organização acredita na existência de "inovadores públicos" em todas as partes do mundo, com idéias que podem resolver estes problemas. "Se pudermos juntar estas idéias e esta gente, será uma pequena forma de ajudarmos a resolver o que achamos problemas insuperáveis".

Tom Belford, diretor-executivo da Better World Society, examina a tragédia da queimada sob o ângulo pessoal: "Quando as queimadas da floresta tropical brasileira atingem tal magnitude que chegam a ser vista do espaço sideral, sabemos que uma tragédia de dimensões mundiais está ocorrendo. Quando pessoas comuns, como Chico Mendes, que defendem alternativas construtivas para esta destruição são derubadas, elas mesmas, a tragédia torna-se ainda mais deplorável. Os olhos do mundo estarão na próxima administração que vai governar o Brasil. Em última análise, o futuro da floresta tropical da Amazônia está nas mãos do povo brasileiro.

Carlos E. Quintela diz que as queimadas não são apenas um problema climático, ou ecológico, ou local, "mas também um problema econômico, que acaba gerando mais problemas ecológicos". Ele cita como exemplo o fechamento dos aeroportos de Cuiabá e Campo Grande, no Mato Grosso, durante vários dias, no ano passado, só por causa da fumaça. Para ele, que certa vez tomou um voo de Cuiabá para São Paulo com escala em Campo Grande é difícil calcular o valor destas perdas para os estados, para as cidades, para as empresas aéreas.

Carlos Quintela fez questão de dizer que a solução deste problema "é de responsabilidade dos brasileiros". A Nature Conservancy apenas apóia, "através de assistência técnica e treinamento, sem dinheiro", organismos brasileiros, como a S.O.S. Mata Atlântica (São Paulo), Funatura (Brasília) e a Fundação Estadual do Meio Ambiente, de Mato Grosso, para que eles resolvam "o problema da melhor maneira que eles determinem".

Ele diz que as alianças da Nature Conservancy, no Brasil, foram feitas de forma a atender, de certa maneira, aos variados ecossistemas existentes no país. "O Brasil é tão grande, que não podemos cuidar de todos os problemas de uma só maneira. No Panamá é fácil, mas no Brasil a coisa é diferente".

Carlos E. Quintela está a cargo do Brasil e Colômbia na organização, criada em 1951, e que "tem muita experiência em trabalho com governos, corporações e organizações não-governamentais". Ela par-

DISAPPEARING SONGBIRDS

The annual North American Breeding Bird Survey shows that the populations of migratory songbirds are rapidly declining. The figures listed here show the percentage decline in population of species from 1978 to 1987.

Wilson's warbler	45.4%
Yellow-billed cuckoo	37.0%
Wood thrush	30.7%
Northern (Baltimore) oriole	23.3%
American redstart	10.3%
Scarlet tanager	10.3%
Ovenbird	8.6%



OVENBIRD

Other species declining at a rate of more than 2 percent per year are: Chuck-will's widow, yellow-bellied flycatcher, veery, northern parula, chestnut-sided warbler, Cape May warbler, black-throated green warbler, blackpoll warbler, worm-eating warbler, Canada warbler, rose-breasted grosbeak.

SOURCE U.S. Fish & Wildlife Service and National Zoological Park; Grzimek's Animal Life Encyclopedia

THE WASHINGTON POST

O Washington Post mostrou a queda no número de aves entre 1978 e 1987

■ O fato menos perdoado aos habitantes deste planeta pelas gerações futuras será o da destruição que está sendo feita de uma maneira que é totalmente leviana

te do principio de que problemas globais têm que ser resolvidos a nível local.

Katy Moran, assessora legislativa do deputado John Porter, diz que o nível de emissão de dióxido de carbono certamente aumentou com as queimadas, em torno de 20 por cento, contribuindo para o aquecimento da temperatura global. "Estas coisas acontecem no Brasil e nós reconhecemos o sistema de distribuição de terras como parte do problema", disse ela. "Os pequenos colonizadores deixam as cidades grandes dispostos a tocar uma pequena gleba de terra, e ficam desapontados quando descobrem que depois de queimar o seu pequeno número de hectares, a terra não é boa para agricultura. E eles vão para outra parte, queimar outro número de hectares". O grande número de pessoas que migram para a Amazônia e põem em prática este mesmo sistema de subsistência é que "contribui para a elevação da temperatura mundial".

Katy Moran afirmou que, por outro lado, é muito importante que os Estados Unidos dêem também sua contribuição para resolver o problema do aquecimento da temperatura através do aumento da emissão de dióxido de carbono. "Estamos lutando com o mesmo problema aqui, apesar da fonte emissora ser diferente, da mesma forma que o Brasil também busca uma solução".

Bruce Rich, do Environmental Defense Fund, chama a atenção que o que está

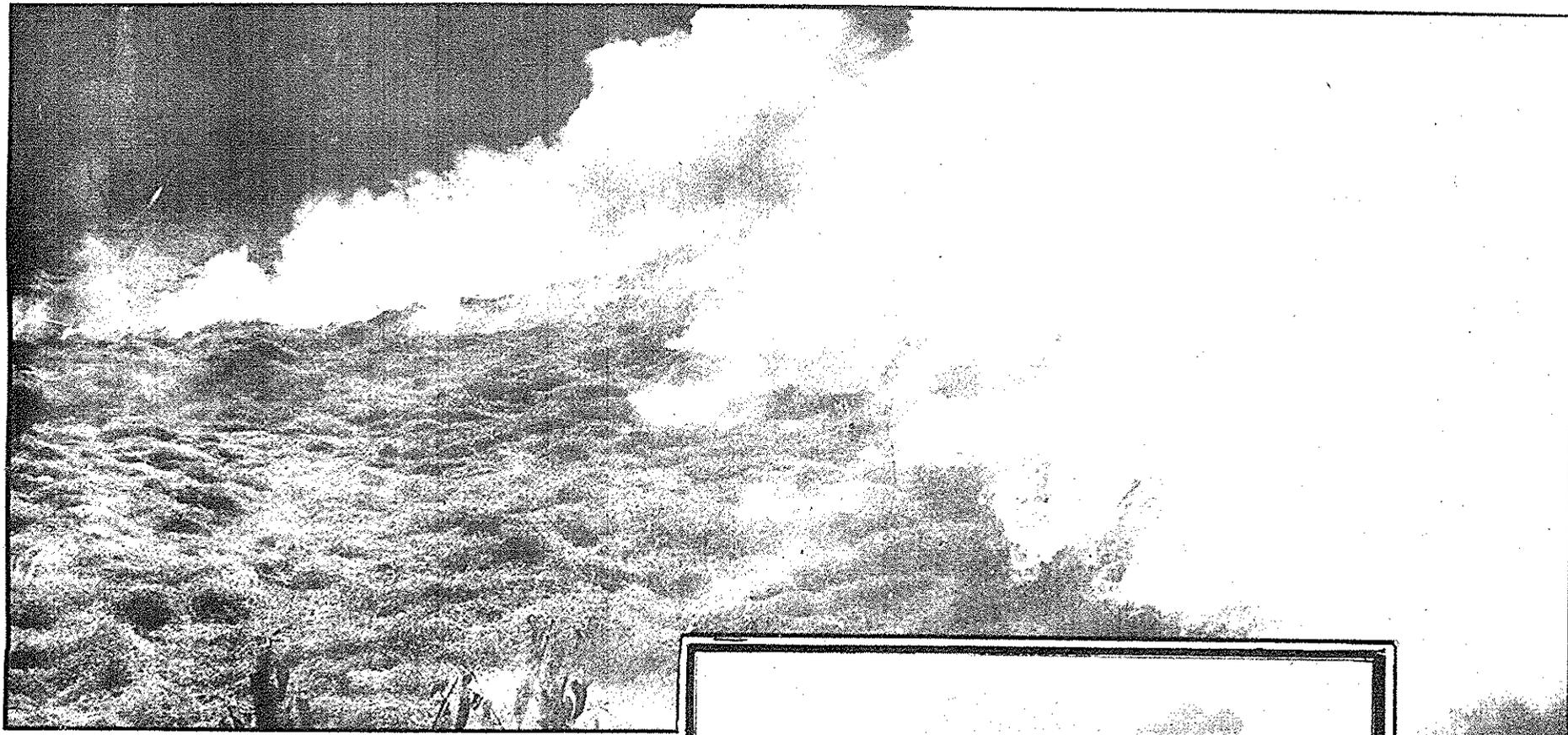
em risco é a sobrevivência de metade de todas as espécies de seres vivos do planeta. "O Brasil possui cerca de um terço da floresta tropical ainda existente no mundo", diz ele. "Se se observa a história da espécie humana, ou o homem neste planeta há cerca de três milhões de anos, sob o ponto de vista da história natural, poder-se-ia dizer que a destruição — numa só geração — de metade das espécies vivas no planeta, é a maior e mais significativa proeza já conseguida pela espécie humana sobre este planeta", acrescenta, alarmado.

Bruce Rich lembra que o biólogo Edward Wilson, da Universidade de Harvard, costumava dizer que "o fato menos perdoado aos habitantes deste planeta pelas gerações que viverão nos próximos séculos será o desta destruição leviana" de metade do capital biológico da Terra, se as coisas continuarem assim.

Segundo os resultados de uma pesquisa publicada esta semana na primeira página do jornal Washington Post, a destruição das florestas tropicais pode ser a responsável pela drástica redução no número de pássaros migratórios que habitam o continente norte-americano nos meses de verão.

O estudo, conduzido pelo Centro Patuxent de Pesquisas da Vida Selvagem, vinculada ao Serviço de Pesca e Vida Selvagem dos Estados Unidos, foi aceito para publicação nas atas da Academia Nacional de Ciências.

FOTOS: MARCOS HENRIQUE



Incêndios no DF são combatidos com tecnologia



O Corpo de Bombeiros do Distrito Federal está se utilizando de modernas técnicas para combater o fogo que já preocupa as autoridades

O Corpo de Bombeiros possui 462 homens para combater os incêndios em todo o DF. A área mais atingida é o cerrado, onde nos meses de maio e setembro eles ocorrem com maior frequência. Entre maio e julho deste ano ocorreram 1.200 incêndios

Cláudio Tourinho

de tecnologia. Antes da criação da companhia, lembra o capitão, o fogo em área florestal era combatido com galhos e folhagens recolhidos do próprio local do incêndio. O resultado era que o bombeiro acaba contribuindo para a destruição da mata e sem obter resultados satisfatórios.

"Ao tentar abafar as chamas com galhos, o bombeiro acabava recebendo todo o calor e fogo que vazava por entre os ramos. Com o abafador de borracha (utilizado atualmente) o resultado prático é muito melhor e o bombeiro não corre o risco de se queimar", explica o capitão Alberto. Na prática, um incêndio como o ocorrido há poucos dias na Reserva Biológica de Águas Emendadas, próximo a Planaltina, que foi debelado em cinco horas, poderia persistir por um dia todo se o material usado ainda fosse o galho de árvore.

PROTEÇÃO

Outros equipamentos estão sendo aperfeiçoados pelo Corpo de Bombeiros para facilitar o combate ao fogo e, ao mesmo tempo, melhorar as condições de trabalho do bombeiro. Um chapéu especial, com abas alongadas atrás e dos lados, está sendo estudado para proteger a nuca e as orelhas do bombeiro. Em breve ainda o bombeiro de Brasília poderá contar com óculos especiais, mais fechados, que protegerão seus olhos da fumaça e do próprio calor das chamas. Outro equipamento que está sendo adaptado são as botas, mais resistentes e longas. Uma das características do

serviço prestado pelo Corpo de Bombeiros do DF são as rotas preventivas de incêndio. Trata-se de caminhos percorridos por 13 equipes em área de maior risco de incêndio. Cada equipe sai de um dos quartéis de Brasília e supervisiona sua área, tendo condições de dar o combate inicial em caso real de fogo.

(SVO) estruturou um esquema de roçagem da vegetação próxima a hospitais, escolas e vias públicas. "Quanto menor o mato, mais difícil vai ser a ocorrência de incêndios", explica o coordenador executivo do órgão, major Adverse Luís Baby.

Contanto com a Companhia de Incêndios Florestais e com as equipes das rotas preventivas, o Corpo de Bombeiros dispõe de 462 homens para dar o combate direto aos incêndios em todo o DF.

Antes da criação da Companhia de Incêndios Florestais o fogo era combatido com galhos e folhagens recolhidos no próprio local do incêndio.

Devido à grande quantidade de focos registrados no DF nesta época do ano (somente nos meses de maio, junho e julho ocorreram cerca de 1 mil 200 incêndios), o Corpo de Bombeiros mantém um soldado de plantão no mirante da Torre de TV entre 8h e 18h. De lá, o militar tem condições de detectar um princípio de incêndio e comunicar com maior rapidez ao quartel mais próximo.

ÁREA URBANA

Uma das preocupações do Corpo de Bombeiros na área urbana é a manutenção das cercas-vivas ao redor de residências. Por ser de um material resinoso, a vegetação das cercas-vivas sofre combustão com extrema facilidade, destruindo toda a ornamentação em questão de minutos. Os bombeiros recomendam, neste caso, que os próprios moradores promovam o aceramento (limpeza) da área próxima às cercas, evitando acúmulo de mato.

Esta é uma recomendação ainda do Sistema de Defesa Civil do DF, que, através da Secretaria de Viação e Obras

Caderno de Queimadas Ficha Técnica

Editor: Roelof Sá
Redatoras: Maiza Valério
Ana Carolina Torres
Diagramação e
Secretaria Gráfica: André Luís Nascimento
Colaboraram com esta edição os seguintes correspondentes: Antônio Sampaio (BA), Renato Miranda (Sucursal de SP), Gustavo Krieger (RS), Demétrio Beltrão (PA), Valdir Morgado (Sucursal de GO), Adilson Trindade (MS), Ofélia Onias (SE), Júlio César Cancellier (SC), Manoel Lima (AM), Jaqueline Heluy (MA), Raimundo Gomes (AL), Dilma Tavares (AC), Nivaldo Araújo (PE), Paulo Ernesto Serpa (CE), Zenaide de Castro (RN), Rita Tristão (ES), Roberto de Azevedo (RO), Sônia Zaramella (MT), Evandro Nóbrega (PB), Luiza Taranto (Sucursal do PR), Zózimo Tavares (PI), Rogério Perz (MG), e Anamária de Angelis (RJ).

ansados de "apanhar" todos os anos da grande quantidade de incêndios no cerrado que ocorrem entre os meses de maio e setembro, o Corpo de Bombeiros do DF criou há cerca de um ano a Companhia de Incêndios Florestais. "Estava chegando a um ponto que ou a gente encarava o problema de frente ou então continuava apanhando do fogo", afirma o capitão Carlos Alberto Ferreira, comandante da companhia, a única do País formada por bombeiros.

Com 105 homens, número considerado ainda abaixo das necessidades, Alberto tem enfrentado os incêndios de Brasília com um pouco mais